



PAPEL DA LIDERANÇA NA IGREJA

Em qualquer organização social existe a necessidade de um líder ou de uma equipe de liderança. A Igreja, não diferente das demais organizações, surgiu a partir de um líder. Jesus com sua liderança carismática, organizou um grupo de pessoas para formarem a Igreja. Mas, a liderança de Jesus, apesar de ser um momento marcante na história, não inventou o papel do líder. Na história do povo de Israel surgiram muitos líderes que ajudaram o povo em sua caminhada rumo a Terra Prometida. Começando por Abraão, passando por Moisés, chegando a João Batista, que preparou a vinda do líder mais conhecido mundialmente: Jesus Cristo.

Apesar da importância dos líderes do Primeiro Testamento, Jesus os superou e muito. A liderança de Jesus apresentou vários elementos novos e instigantes. A primeira e mais surpreendente novidade que Jesus trouxe foi o critério de escolha dos seus seguidores. Ele como os mestres de sua época, poderia ter escolhido como discípulos os homens mais inteligentes e importantes da sociedade. No entanto, convidou para o seu seguimento algumas pessoas sem expressão social, política, econômica, cultural e religiosa. Eram trabalhadores braçais, na sua maioria, pescadores, cobradores de impostos. A liderança de Jesus não buscou pessoas prontas, mas quis fazer um processo de amadurecimento e descoberta da pessoa na sua totalidade. Os liderados de Jesus foram transformando suas vidas num processo constante de conversão e aprendizado da mensagem de vida trazida pelo Mestre.

Jesus mostrou que o verdadeiro líder deve ver além das aparências. As pessoas que chamou para segui-Lo não tinham prestígio social. Ele não olhou a condição social, mas vê no coração dos seres humanos, o que existe de mais profundo nas pessoas. Mostrou que o líder deve buscar na fragilidade, simplicidade, na pobreza, valores que ultrapassam as aparências. Jesus percebeu naquelas pessoas um coração acolhedor, capaz de mudanças radicais; um coração cheio de amor, capaz de perdoar, de se doar.

Outra característica da liderança de Jesus que nos chama a atenção, é a liberdade que Ele dá para seus discípulos. Ele os chamou para segui-Lo, mas deu plena liberdade para irem embora quando quisessem.^[1] Deu não somente liberdade de ir e vir, bem como liberdade de pensamento e

de expressão. Jesus não é o tipo de líder que manipula seus discípulos, Ele não se sente dono de seus liderados.

A liderança de Jesus teve como principal objetivo formar novos líderes. Os discípulos de Jesus tornaram-se grandes líderes na história da Igreja Cristã. Começaram a expansão da mensagem de Jesus. Assim, na Igreja primitiva a liderança dos apóstolos foi fundamental para o crescimento e amadurecimento da fé das comunidades. Ao mesmo tempo esses líderes foram importantes para garantir a fidelidade da mensagem de Jesus.

O testemunho dos apóstolos contribuiu de forma determinante, para que a mensagem de Jesus não ficasse somente no plano teórico. A prática dos apóstolos mostram autenticidade na pregação e na propagação da mensagem cristã. Essa liderança era baseada no serviço, na defesa dos pobres, das viúvas e órfãos, na denúncia de todo tipo de injustiça. Por serem os precursores no testemunho da mensagem de Jesus, os apóstolos foram perseguidos e se tornaram os primeiros mártires do cristianismo. Assim, desde do início, a Igreja teve nos seus líderes uma expressão forte de testemunho e unidade da proposta de Jesus.

Com o passar do tempo, o papel da liderança ganhou proporções diversificadas, e em muitos momentos fugiu do objetivo primeiro desejado por Jesus. A liderança que era para dar testemunho, para servir, para doar a vida em vista da divulgação da Palavra de Jesus, na Idade Média se desvirtuou da sua missão primeira. Nesse período histórico, a liderança da Igreja começou a se concentrar nas mãos do papa, bispos e padres, que além de líderes da Igreja, também eram chefes de Estado, líderes políticos, que muitas vezes deixaram de lado a mensagem original de Jesus e começaram a criar normas e leis impostas a toda a sociedade em vista de interesses particulares e egoístas. E o que declinou mais a imagem da Igreja foi a falta de testemunho desses líderes, perdendo-se quase por completo o espírito de doação e serviço sonhado e vivido por Jesus. O que os líderes buscavam era o poder, a riqueza, as aparências. Os novos líderes eram escolhidos não com os critérios usados por Jesus: abertura de coração, vontade de doar sua vidas e amor a Jesus e sua mensagem. A escolha de papas, bispos e padres dependiam do prestígio social de suas famílias. A liderança era uma promoção social e não um serviço; uma busca de interesses próprios e não doação; dava-se uma grande importância à aparência e não ao coração.

Nesse período a liderança se concentrava na mão do papa, dos bispos e padres, o resto dos crentes não tinham nenhuma influência (exceto os que tinham muito dinheiro), apenas obedeciam e sofriam as penalidades impostas pela instituição. Diferente da liderança de Jesus e das primeiras comunidades, em que era de forma colegial e baseada no mandamento do amor.

Esse tipo de liderança prevaleceu na Igreja por muitos séculos, acompanhando a história humana que era submissa à hierarquia eclesial. No entanto, com a evolução da humanidade: Revolução Industrial e Francesa, maior busca de dignidade da pessoa, avanços tecnológicos e

muitos outros acontecimentos que fizeram com que o ser humano ganhasse autonomia, ela não mais aceitou as imposições da Igreja. Diante de tantas mudanças a Igreja excitou em mudar, mas não resistiu à pressão secular, e em 1962, começou o Concílio Vaticano II, que foi um momento de importante de reflexão da Igreja em relação a si mesma e em relação ao mundo.

Com o Concílio Vaticano II, um novo papel da liderança foi delineado. Houve uma volta à Igreja primitiva, recuperando valores importantes, tais como a ministerialidade e a liderança colegiada. Mas, ao mesmo tempo, colocou algumas novidades que respondessem aos desafios da realidade atual. Assim, nesse contexto, a missão dos líderes ganha novo sentido, tornando-se muito ampla e justamente por isso, provocou muitas confusões na vida dos líderes e na Igreja como um todo.

A liderança da Igreja, com o Concílio Vaticano II, enfrentou sérios desafios, pois a proposta desse, fez com que padres e bispos começassem a questionar sua missão dentro da Igreja. Buscar nas primeiras comunidades e na patrística a resposta para suas angústias, não era a solução, porque o contexto histórico era bem diferente, exigia uma nova postura. Outro dado que provocou divergências foi o protagonismo do leigo, que voltou a assumir seu papel dentro das comunidades. Os leigos começaram a ter uma participação ativa e consciente nas celebrações e na liderança das comunidades.

Com a nova função dos leigos, muitos padres e bispos sentiram que perderam seu espaço no comando da Igreja, e alguns se revoltaram e acabaram deixando o ministério. Achavam que os leigos iriam substituí-los. Entretanto, a proposta do Concílio não foi que os leigos assumissem a missão dos ministros ordenados, apenas que cada pessoa assumisse o seu compromisso de batizado. É claro que se todos os batizados tomassem consciência de sua missão, haveria uma descentralização na Igreja, o poder seria colegial entre leigos, padres e bispos. Talvez por isso, muitos padres e bispos não tiveram estrutura para entender e aceitar a descentralização, ainda que pequena, da Igreja.

Muitos leigos também não entenderam qual era seu papel na vida da comunidade, e começaram a trabalhar sozinhos sem comunhão com os ministros ordenados. Formaram-se neste período, muitas comunidades leigas independentes. Desse modo, um contexto eclesial muito complexo se formou: padres e bispos não querendo dividir a liderança da Igreja com os leigos; por outro lado, muitos leigos achando que a Igreja era somente laical, sem a participação dos ministros ordenados.

O que o Concílio Vaticano II, na verdade quis propor foi uma Igreja de comunhão entre ministros ordenados e leigos, onde ninguém é mais importante que ninguém: todos são dignos pelo mesmo batismo recebido. A diferença entre eles está somente no serviço que exercem. Pois cada um tem sua missão própria, e ninguém substitui o outro em seu trabalho: é um trabalho de

complemento, de participação mútua, de comunhão e integração.

Nos anos decorrentes após o Concílio houve diversos movimentos leigos e clericais que tentavam impor suas particularidades. Com isso, houve muitos embates entre leigos e clérigos. Ao mesmo tempo, aconteceram muitos trabalhos de comunhão eclesial. Várias comunidades entenderam o espírito do Concílio e a comunhão e o diálogo entre ministros ordenados e leigos produziu muitos frutos. Prova dessa comunhão é que a questão da liderança e do poder, por um período não foi problema, porque o objetivo era a evangelização dos pobres e excluídos, definidos na América Latina em Puebla e Medellín. Alguns temas predominaram na reflexão da Igreja na América Latina, tais como: opção preferencial pelos pobres, pelos jovens e demais populações excluídas. Assim, foi amenizado o conflito entre leigos e ministros ordenados a respeito da liderança. Afinal, lutavam pela mesma causa: promover a pessoa humana, principalmente aqueles que não tinham seus direitos respeitados. Esse advento da Igreja na América Latina durou até meados dos anos oitenta.

A partir de meados de 1980, a reflexão na América Latina volta a discutir assuntos relacionados ao poder na Igreja. A discussão se volta mais a assuntos ligados à cúria romana que a realidade local. Com essa volta à discussões sobre o papel da liderança, várias situações novas surgiram, inclusive muito se falou sobre o papel da liderança e necessidade de sua existência. A partir dessas reflexões, algumas conclusões são evidentes, principalmente o papel e a necessidades de líderes bem formados dentro da Igreja. A necessidade do líder na Igreja, é sempre um referencial que dá segurança aos outros membros da comunidade. É alguém que deve enxergar mais longe, deve visualizar o futuro, acompanhar as evoluções da sociedade e mostrar à sociedade os valores da Igreja. Essa concepção da missão da liderança, faz-nos pensar no líder como alguém que está totalmente inserido na comunidade e na sociedade. Ele é um com os outros: não existe distinção aparente entre o líder e os liderados.

Por outro lado, temos uma concepção de liderança centrado somente no conservadorismo, em que não é promovida a integração entre a comunidade e a sociedade, mas uma apologia à Igreja e um desprezo aos bens sociais. Existe nessa forma de liderança, uma forte distinção entre líderes e liderados. Essa diferenciação é percebida principalmente no vestir, no comportar em público e na linguagem. O líder é um ser fora da comunidade que não vive a vida do seus liderados, está alienado àquela realidade.

Entretanto, quando se fala em liderança, não podemos jamais esquecer que todos nós batizados temos uma tríplice missão: sacerdotes, profetas e reis. Além dessa tríplice missão (ou concomitante a ela), a figura de Jesus Bom Pastor é paradigma para toda e qualquer liderança. O Bom Pastor mostra elementos fundamentais para todo líder, Ele realiza em sua forma de liderar, o mandamento maior de nossa religião que é o amor. E esse seu amor inclui os desgarrados, os

feridos e desesperançados.

Ao deixar de levar em conta a figura do Bom Pastor, o líder perde todo seu caráter cristão e eclesial. Uma liderança que ignora essa figura, pode ser considerada uma pseudo-liderança. Se tornam líderes que têm apenas autoridade humana: que mandam, mas não obedecem; que são servidos, mas não servem; que pedem sacrifícios, mas não se doam; que falam, mas não ouvem; que pedem compaixão, mas não a têm; que querem ter liderados, mas não os cativam; que querem resultados de seus liderados, mas não oferecem recursos; que querem liderados formados, mas não oferecem formação; que anunciam, mas não denunciam; que querem evangelizar, mas não se deixam mover pelo Evangelho; que tem conhecimento teológico, mas não fé.

A liderança dos nossos dias, deve ser extremamente cristológica, pois nenhum documento da Igreja supera ou pode substituir a Sagrada Escritura. Por mais que os teólogos discorram sobre o papel da liderança (esses escritos tem a sua importância), mas a teologia por excelência, é a vivida e anunciada por Jesus. Portanto, ao questionar hoje sobre o papel e a missão dos líderes, podemos afirmar com tranquilidade que a missão é a mesma do Bom Pastor. No entanto, poderíamos ser questionados: mas os tempos mudaram e o contexto é outro? Com certeza a realidade é outra. Mas as ovelhas ainda continuam precisando de bons pastores, que acolham, curem, tenham misericórdia, ofereçam pastagens, busque as que estão excluídas. O que as pessoas no tempo de Jesus necessitavam, as de hoje precisam de coisas semelhantes: comida, remédio, carinho, compreensão e seus direitos respeitados.

Em nossos dias, nos entristecem alguns líderes (padres, bispos e leigos) que usam de sua autoridade para oprimir e impor normas sobre o rebanho. Em contrapartida, existem muitas alegrias, visto que a maioria de nossos líderes dão um testemunho consistente da mensagem de Jesus. Desde as pequenas comunidades até as maiores Igrejas Particulares, muitos líderes como o Bom Pastor, têm se doado pelo Evangelho de Cristo e pelos irmãos e irmãs menos favorecidos. Esses entenderam o verdadeiro papel do líder apresentado pelo Concílio Vaticano II, e confirmado por Medellin e Puebla, que aquele que lidera, é alguém que está no meio do povo e sente as dores e as angústias, as esperanças e alegrias dos pequenos e excluídos. A nossa esperança é que cada vez mais nossos líderes, sejam eles leigos ou ministros ordenados, como verdadeiros seguidores(as) de Cristo, possam estar presentes na vida do povo, e com uma maior formação e caridade pastoral, sejam referenciais para o rebanho. E que vislumbrem verdes pastagens para as ovelhas. Enfim, que o líder seja uma pessoa equilibrada, aberta e flexível, capaz de enxergar longe, ver novas possibilidades e lutar pelo bem de todo o povo, como membro integrante deste.

Odair Lourenço Ribeiro
odormivel@yahoo.com.br